

# A Unitariedade do real: pressuposto para a construção da Epistemologia Gramsciana<sup>1</sup>

*Luis Carlos Nascimento da Rosa\**

---

---

## Resumo

Colocamos como problema investigativo a afirmação de Carlos Nelson Coutinho que Antonio Gramsci, ao tratar da Teoria do Conhecimento, apresenta um desvio idealista e trata como equivalentes a objetivação Histórico-Social e a Objetividade natural, transformando assim, todo conhecimento em expressão de uma subjetividade de classe. Nosso estudo, ao contrário, conclui que Gramsci ao se aproximar criticamente do processo histórico de descoberta-criação das ciências de seu tempo, o caráter mediador desta no devir da humanidade e do mundo. Sua Epistemologia reinsere a humanidade no mundo que ela descreve.

**Palavras-chave:** Teoria do Conhecimento, Epistemologia.

## Abstract

Our investigation concerns Carlos Nelson Coutinho's assertion that Gramsci, as addressing to the Theory of Knowledge, shows an idealist slip and refers to Historical and Social objectivity and Natural Objectivity as equivalent thus turning all the knowledge into expression of a class subjectivity. This study, on the contrary, claims that Gramsci, as critically approaching the historical process of the discovery-creation of all the Nature Sciences, realizes its revolutionary dimension and captures, through the science of his days, its mediating characters from the devenir in humanity and in the word. His epistemology re-inserts humanity in the word it describes.

**Key-words:** Theory of Knowledge, epistemology.

---

<sup>1</sup>Para a reflexão-interação epistemologia gramsciana e seu caráter pedagógico temos dois estudos: *Elementos para uma abordagem externalista da epistemologia: uma leitura gramsciana*, Revista Educação, UFSM, v.21, n.2, 1996 e *A história da ciência como princípio pedagógico em Gramsci: uma leitura atualizada*, Revista de Ciências Humanas, UNESC, 1998.

\*Professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-CE)  
Doutorando Educação / UFSC

## **Gramsci e a teoria do conhecimento : um debate histórico**

Tendo em vista a necessidade metodológica que pressupõe a delimitação do objeto a ser trabalhado, explicitaremos um debate teórico efetuado a partir da obra de GRAMSCI, no que tange à questão da teoria do conhecimento.

COUTINHO (1981:59-60), por exemplo, ao defender o “ponto focal” da política, para elaboração Gramsciana, diz que o “politicismo” lhe permite, por um lado, chegar a uma teoria fecunda sobre o caráter ontológico da consciência e sobre o seu papel na vida social; por outro lado, leva-o a cair em posições idealistas, quando aborda certas questões “filosóficas específicas”; enfatiza que este idealismo manifesta-se, em GRAMSCI, em “questões de teoria do conhecimento”, assim como de ontologia da natureza, e que, ao rejeitar uma leitura determinista e fatalista do Marxismo, termina por negar, na prática, um tipo específico de conhecimento, o conhecimento científico.

Para COUTINHO (1981:60), o conhecimento científico tem uma tarefa essencial: “refletir a realidade e suas alternativas de modo mais objetivo possível, ou seja, evitando qualquer projeção de acréscimos estranhos do sujeito que conhecer na realidade que quer conhecer”.

Quando GRAMSCI afirma que a “própria filosofia da práxis é uma superestrutura”, COUTINHO (1981:61) diz que “não é apenas ao Marxismo, porém, que GRAMSCI nega o caráter científico, ou seja, de conhecimento objetivo do real. Ele diz: “na realidade, também a Ciência é uma superestrutura, uma ideologia”, e coloca-a como “uma afirmação problemática”, e que para ele, GRAMSCI tem dois equívocos principais e de fundo idealista: 1. Não distinguir, gnosiologicamente, entre Ciência e ideologia, entre conhecimento objetivo e consciência interessada, o que terá, como conseqüência, a transformação de todo o conhecimento em expressão de uma subjetividade de classe ou grupo, historicamente condicionada; 2. Tratar como equivalentes a objetivação histórica e a objetividade natural, dizendo que neste ponto GRAMSCI nunca superou, plenamente, a concepção Neo-Hegelianiana de Gentile e Croce, para os quais “toda a realidade é espírito, sendo a natureza uma categoria do espírito”. Contrapondo-se a esta tese, BUCI-GLUCKSMANN (1980:471) afirma: “o que é certo é que, a tese gramsciana da Ciência enquanto superestrutura não se identifica absolutamente a um subjetivismo de classe, que lhe é perfeitamente estranho (tipo Ciência burguesa, Ciência proletária”); para ela autora “GRAMSCI” destaca que a Ciência luta pelo conhecimento da

objetividade do real, por uma retificação cada vez mais perfeita dos métodos da pesquisa ”.

Segundo BLUCI-GLUCKSMANN, GRAMSCI, ao tomar posição em favor da exterioridade “experimental do real”, escorrega no sentido de uma subestimação da tese da existência deste real, e que nesta tomada de posição é “contrário a Crose, que absorve a natureza no espírito”. Segundo a mesma autora, “as Ciências são um objeto de uma luta política, de uma divisão a ser, permanentemente, reefetuada entre os conhecimentos objetivos e as ideologias que as acompanham”.

Além da luta política para a superação das ideologias não universais concretas, Antônio GRAMSCI torna-se referencial, no Marxismo, pela sua defesa intransigente de um sistema filosófico que supere as grandes dicotomias, trabalho intelectual-trabalho manual, governantes-governados e, do ponto de vista epistêmico, sujeito-objeto.

A reflexão sobre a produção do conhecimento na Ciência, em GRAMSCI, torna-se fecunda e original na medida que está atento à Ciência de seu tempo.

GRAMSCI, assim como BACHELARD, HEISENBERG, PRIGOGINE, só para citar alguns cientistas e epistemólogos contemporâneos, consegue apreender, pela análise da prática científica, a “metamorfose”, a “ruptura” epistemológica produzida pela Ciência contemporânea em relação ao sistema epistêmico da Ciência moderna.

Em nosso entender, ao contrário de ser prejudicial à trajetória de GRAMSCI pelos autores idealistas, constitui-se em elemento determinante para a sua compreensão do permanente vir-a-ser da Ciência, a constituição de seu novo estatuto e da construção de seu “reino epistemológico novo”. Concepção esta que confere um caráter de relação mediada ( pela experiência ) entre o homem e a natureza.

Dentre outros condicionantes, é a retomada do estudo do idealismo objetivo hegeliano que permitiu a GRAMSCI, bem como aos demais marxistas historicistas, superar a leitura mecânica e economista do processo histórico.

### **Objetividade e subjetividade na ciência : uma relação dialógica**

A reflexão de GRAMSCI sobre a produção de conhecimento na Ciência, põe-se como momento necessário à construção de um sistema filosófico que tenha por base a unitariedade do real; espaço, também, revelador do ser do homem enquanto construtor/desvelador da totalidade concreta do mundo.

1.O homem, para GRAMSCI, deve ser concebido “como uma serie de relações ativas (um processo)”, sendo que a humanidade que está em cada indivíduo é composta por diversos elementos comprometidos: o indivíduo;

2.outros homens;

3.a natureza.

Se a relação do homem com outros homens é orgânica, sua relação com a natureza será mediada pela trabalho, pela tecnologia e pela Ciência ( como parte de sua cultura ) .

Neste contexto, é interessante observar que, para GRAMSCI, a conquista da personalidade “significa adquirir consciência destas relações” e a modificação da personalidade “significa modificar o conjunto destas relações”(GRAMSCI, 1987:40).

Nesta atividade para o exterior, de modificação de todas as relações externas, com a natureza e com os outros homens é que se dá, para GRAMSCI, o *melhoramento ético*.

Na Ciência, o processo de tomada de consciência e construção do conhecimento e pensamento dá-se pela mediação da experiência, tendo em vista o homem não apenas como sujeito individual, mas, isto sim, quando está em relação ativa com os outros homens.

A visão de mundo que concebe a construção do conhecimento, na Ciência, tendo por base um sujeito cognoscente que, necessariamente, se relaciona histórica e socialmente com os outros homens, cria nova racionalidade, estabelecendo assim uma nova ética.

Quando se analisam historicamente as ideologias geradas pelas diferentes concepções de Ciência, observa-se que o modo de Ciência Clássica serviu de base para um sistema filosófico que aposta na isenção total (neutralidade) do sujeito que quer conhecer o processo de aquisição deste conhecimento.

Neste contexto, por exemplo, a tradição positivista, para se constituir como ideologia da racionalidade científica, defende, *a priori*, um “postulado de objetividade” que é “a condição necessária de toda verdade no conhecimento”(MONOD, 1972:192).

Esta escolha axiomática estabelece-se como “uma regra moral, uma disciplina” e é a partir desta “escolha arbitral”, desse “axioma de valor ”, que irá se dar o “conhecimento verdadeiro” e se definirá para além do homem, como único valor e verdade autêntica, “o próprio conhecimento objetivo”(MONOD, 1972:194).

Esta concepção científica “desantropomorfizadora”, além de negar a condição humana e a humanidade que está posta em cada homem individual,

enquanto gênese do processo de descoberta-criação da Ciência, termina por conceber um homem “que sabe que está sozinho na imensidão do Universo (MONOD, 1972:198).

A defesa axiomática de um princípio da objetividade, enquanto única fonte gestora da verdade e condição racional desveladora do mundo, acaba produzindo a *homogeneização epistemológica*, bem como condicionando todos os campos de produção do saber a um referencial; científico-natural como fundante do conhecimento e da ética.

Por exemplo, MONOD (1972:197), defensor contemporâneo da concepção dualista (res cogitans/res extensa), vai nos afirmar que “o único objetivo, o valor supremo, o ‘bem supremo’ na ética do conhecimento, não é, reconhecamo-lo, a felicidade humana (...) é o próprio conhecimento objetivo”, sendo inclusive, a única inspiração moral para a consolidação de um “humanismo socialista”, e a “base das instituições sociais e políticas”.

Além de determinante no processo de crítica ao Positivismo, a reflexão de GRAMSCI sobre a Ciência constitui-se, também, em um elemento importante para sua compreensão do homem; esta, não apenas no sentido de determinar o que ele é, e sim, no que o homem pode *vir-a-ser*, pois, se a “possibilidade não é a realidade” constitui-se, ela, também em “uma realidade” (GRAMSCI, 1987:47).

A Ciência, como espaço de busca da verdade, pode assumir duas perspectivas : descoberta e criação.

A Ciência, para GRAMSCI, pode ser entendida como descoberta de realidade, mas não no sentido de transcendência e, sim, como movimento, pois “a Ciência não coloca nenhuma forma de incognoscível metafísico, mas reduz o que o homem não conhece a um empírico não conhecimento que não exclui a cognoscibilidade, mas a condiciona ao desenvolvimento da inteligência histórica dos cientistas individuais”(GRAMSCI, 1987:70).

Segundo GRAMSCI, a cognoscibilidade poderá ser efetuada

“quando os instrumentos físicos e intelectuais dos homens forem mais perfeitos, isto é, quando forem modificadas, em sentido progressista, as condições sociais e técnicas da humanidade” (GRAMSCI, 1987:54).

A Ciência pode ser entendida como criação, mas este ato de criação não pode ser arbitrário, e sim, racional. Para GRAMSCI, racional significa “útil aos homens para ampliar o seu conceito da vida, para tornar superior (desenvolver) a própria vida” (GRAMSCI, 1976:88).

A ciência será definida como a síntese da atividade teórica e da “atividade experimental” do sujeito cognoscente, sendo que a “atividade experimental do cientista “ é

“o primeiro modelo de mediação dialética entre o homem e a natureza, a célula histórica elementar através da qual o homem colocando-se em relação com a natureza por meio da tecnologia a conhece e a domina”.

Esta experiência científica constitui-se como “primeira célula do novo método de produção, da nova forma de união ativa entre o homem e a natureza” (GRAMSCI, 1987:171).

Esta concepção sócio-histórica na Filosofia da práxis gramsciana assume um postura radical, no momento que rompe com os sistemas dualistas e recoloca o homem, com seu conjunto de relações necessárias ao desenvolvimento da totalidade concreta do mundo.

Ao se aproximar, criticamente, da especificidade do desenvolvimento histórico do processo de descoberta-criação das Ciências da natureza, GRAMSCI, capta seu caráter revolucionário e sua epistemologia introduz a marca do *devenir* do homem e da materialidade.

Ao assumir esta postura teórica, GRAMSCI rejeita o conceito de verdade, enquanto absolutamente posta, e a concebe como uma infinita busca, necessariamente vinculada aos homens em seu tempo histórico.

Este processo assume um caráter de catarse intelectual e, como concepção de mundo, representa uma nova dimensão epistemológica que insere o homem no mundo que descreve.

### **Teoria e prática na produção do conhecimento científico: Gramsci, uma leitura atualizada**

Como já referimos, o projeto gramsciano caracteriza-se pela busca de um sistema filosófico que tenha como perspectiva a unitariedade do real. Neste sentido, quando aborda questões da teoria do conhecimento, segundo alguns estudiosos, GRAMSCI assume posturas racionalistas e mesmo alguns “desvios idealistas”.

Para tentar desvelar tal problemática, pretende-se trazer partes de algumas reflexões filosóficas produzidas por estudiosos-pesquisadores oriundos do interior da comunidade científica das Ciências da natureza.

Assim, temos a pretensão de verificar se é a trajetória intelectual de GRAMSCI que o contaminou de idealismo, ou se é o processo de revolução

do conhecimento que produziu novas formas de interação entre o homem que quer conhecer e o objeto (natureza) a ser desvelado.

Para GRAMSCI, a experiência científica apresenta um caráter mediador, isto é, no processo de construção do conhecimento esta vai ser o elemento que se torna capaz de dar movimento, tanto na capacidade de compreensão do homem, como ao próprio objeto conhecimento.

Do ponto de vista dos processos das Ciências da natureza, esta nova dimensão epistemológica pode ser apreendida a partir de um dos mais importantes paradigmas que orientam a prática científica contemporânea: a Mecânica Quântica.

Ao analisar o processo histórico de desenvolvimento da Ciência, no que tange ao advento do estudo das estruturas atômicas, BACHELARD (1977:125-6), afirma-nos que “atualmente, as Ciências físicas nos conduzem a domínios novos, com métodos novos, equivalendo dizer que o objeto e o sujeito estão um para o outro em estado de novação”.

O consenso, enquanto paradigma dominante, passivo do ideal da Ciência Clássica, qual seja, de um objeto de Ciência completamente separado do homem, com o advento da Mecânica Quântica começa a ser questionado.

Segundo HEISENBERG (1987:82), “a partir da teoria quântica, nele comparece o homem como ‘sujeito’ da Ciência, trazido à tona pelas perguntas que terá que colocar sobre a natureza” o que, segundo o mesmo autor não irá permitir uma descrição completamente objetiva da natureza, podendo-se “captar elementos de uma revolução copernicana da objetividade” (BACHELARD, 1987:65). Quer dizer, sob a perspectiva da teoria do conhecimento se constrói a idéia de uma nova relação homem-mundo.

Ao contrário de um homem á margem de um universo gelado de solidão, esta “metamorfose” ocorrida na Ciência o reconduz para um universo repleto de outros homens e que, pela interação dialética com a natureza e os outros homens, produz a História e se produz.

O caráter de mediação, atribuída à experiência científica, remete a dois aspectos fundamentais na epistemologia da Ciência contemporânea, quais sejam: a questão da relação teórica-prática e, inter-relacionamento a esta, o conceito da realidade (enquanto objeto de conhecimento).

O ideal da Ciência clássica, de uma realidade completamente exterior ao homem, a partir das revoluções científicas ocorridas em nosso século, deixa de ser consensual, pelo menos no que se refere ao aspecto fenomenológico, produzindo novas Escolas de Interpretação.

Sob o prisma de nossa preocupação central, a questão da objetividade científico-natural, nos reportamos ao artigo de BUONOMANO e FARIAS, “Mecânica Quântica: um desafio à intuição”.

Segundo os autores, salvo a “estrutura matemática geral da teoria”, as controvérsias se estabelecem desde “a forma como a teoria é interpretada em termos físicos” até “as conseqüências e mesmo o *status científicos da nova teoria* (1992:17-8).

Ao discutirem o aspecto interpretativo da teoria, os mesmos autores destacam duas correntes: *A Escola de Copenhague e a Interpretação Clássica*.

A *Escola de Copenhague* propõe “uma ruptura radical e revolucionária com os conceitos clássicos” onde “as leis da natureza são intrinsecamente probabilísticas...” e, neste sentido, o “mundo é ‘não realista’...” e onde “as propriedades dos objetos são propriedades apenas potenciais, que dependem do experimento realizado, ou seja, da objetivação que se está fazendo”.

A segunda corrente, a “Interpretação Clássica”, está associada ao conceito de Realismo, ou seja, leva em consideração “objetos (sejam planetas ou partículas microscópicas)” que existem por si mesmos, e que têm “propriedades intrínsecas bem definidas as quais não dependem do observador” (BUONOMANO e FARIAS, 1992:18-9).

Isto, para os autores representa, ... “Uma situação inversa a que existiu na virada do século”, quando pressupunha-se a existência de “teorias que satisfariam perfeitamente as nossas instituições, tidas como quase perfeitas” (BUONOMANO e FARIAS, 1992:20).

Estas discussões são extremamente enriquecedoras para a Ciência e para a teoria do conhecimento, pois diminuem a passividade dos homens (que se envolvem com as Ciências) diante do produto e processo criado pela atividade científica.

## **Retornando ao marxismo**

Assim como temos este debate produzido no interior da comunidade científica, no marxismo e mesmo em Marx estas questões também não se apresentaram resolvidas. É nesse Cenário que se deve tentar entender a construção gramsciana.

Em “A Ideologia Alemã” por exemplo, transparece na obra de MARX e ENGELS uma vinculação ao realismo, ou seja, a aderência a uma perspectiva *intransitiva* do objeto de conhecimento, quando os autores afirmam: “o representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens,



aparece aqui como *emanação direta* de seu comportamento material” (:36, grifo nosso).

Quando fazem a crítica do idealismo alemão, dizendo “totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desde do céu à terra, aqui se ascende da terra ao céu”, (:37). A mesma crítica/oposição desenvolvida ao idealismo alemão não se explicita, pelos autores, no Empirismo.

É a partir do Marxismo Historicista que se dá claramente uma tomada de posição e, neste sentido, se estabelece a crítica radical às concepções empiristas, o que implica a construção de uma nova perspectiva epistemológica.

Para GRAMSCI, na filosofia da Práxis, “o ser não pode ser separado do pensar, o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto”; o autor vai ser ainda mais incisivo quando afirma” se se faz esta separação, caí-se em uma das muitas formas de religião ou da abstração sem seu sentido” (GRAMSCI, 1987:70).

Neste contexto, a epistemologia gramsciana vai reinserir o homem no mundo que ele quer conhecer. Este ato de conhecimento é condição necessária ao estabelecimento da condição de ser do homem no mundo e orientador de suas práticas sociais.

Em nosso entender, para GRAMSCI, a *objetividade* do mundo físico (enquanto objeto de conhecimento) não é algo dado *a priori*, ao contrário, a objetividade é permanentemente reconstruída.

No processo histórico-social de cognição do mundo, o objeto de conhecimento, nesta nova perspectiva epistemológica, em processo de construção do conhecimento, é *transitivo*.

A intransitividade do objeto de conhecimento se manifesta no momento em que este se estabelece como conhecimento produzido, depois de materializado numa obra, numa lei. O conhecimento vai se pôr como objetivo, no sentido da exterioridade, da independência do sujeito no momento que se dá como universal (universal subjetivo).

Com o conhecimento do método (que depende do objeto e da área do conhecimento), de posse de todo o processo histórico de evolução da área específica, o homem da Ciência pode se apropriar objetivamente deste conhecimento universal e, a partir de sua intervenção, como membro de uma comunidade determinada, contribuir para fazer o conhecimento avançar.

GRAMSCI inicia com a crítica do senso comum, por este se constituir numa esfera concreta que:

- a) tenta explicar a “realidade” do mundo com base no sensismo;
- b) absorve e reproduz as concepções mitológicas do mundo;

c) aceita passivamente sua função-posição nas esferas das práticas-sociais.

O autor faz esta crítica tendo como perspectiva a construção de uma nova sociedade, com espaços de convivência verdadeiramente democráticos. Com isto, concebe a existência de homens com a capacidade de apreender as determinações da concretude do real, bem como agentes ativos de uma nova práxis social que, como tal, interroga e avança na explicação do mundo com base em seus fundamentos racionais.

Se a racionalidade deste projeto Teleológico Gramsciano se assemelha ao trabalho de HEGEL em A Fenomenologia do Espírito (NUN, 1987), em nosso entender GRAMSCI retorna ao idealismo objetivo Hegeliano para fundamentar sua concepção do desenvolvimento do homem, como sujeito de conhecimento social e historicamente determinado.

Segundo NOSELLA (1992:121), a luta gramsciana pela rejeição das dicotomias e pela unitariedade do real tem a marca registrada do imanentismo idealista, que, em sua versão moderna, trouxe uma perspectiva filosófico-cultural essencial. Para Nosella é uma *coragem* de GRAMSCI afirmá-lo; não como desvio juvenil e sim como posição teórica amadurecida.

O trânsito intelectual dos Marxistas Historicistas pelo idealismo permitiu-lhes fazer uma reconstrução teórica não cientificista que, segundo GRAMSCI, caracteriza uma tradição que possuem as Ciências da natureza como um “modelo”. Além disto, possibilitou-lhes a não aderência ao grupo hegemônico de base empirista.

Neste sentido, não é problema (teórico) e sim um mérito de GRAMSCI evitar a distinção entre sujeito ontológico e sujeito epistêmico. Quer dizer, a constituição e caracterização do ser, do homem, dá-se pelo e com o fato deste agir-pensar. É na e com a Práxis que o homem se faz no mundo.

Quando o sujeito se aventura, isto é, objetiva-se no mundo, dá início a um ato de conhecimento que, por ser mediado pela ação, pela experiência, resulta num desvelar-evoluir não só do mundo, mas, também, do ser próprio ser. Ou seja, estabelece-se uma relação dialógica entre o ontológico e o epistemológico que, juntos, se movimentam do *em si* ao *para si*, do homem, na e com a totalidade concreta.

A necessidade de um processo intersubjetivo da cognição do mundo com pré-condição para se atingir a objetividade, se estabelece para o desenvolvimento do “Espírito do Mundo”, materializado, objetivamente, na progressão relacional de um homem naturalizado e de uma natureza

humanizada, que tem como elemento de mediação um trabalho criativo, tal como o que se explicita na atividade científica.

Assim, o Marxismo historicista de GRAMSCI, ao apostar num sistema filosófico que tem como premissa a superação das dicotomias estabelecidas pelo cartesianismo, positivismo e mesmo por grande parcela da tradição marxista, contribuiu para a consolidação de uma Filosofia da Práxis que admite o caráter de mediações institucionais entre Homem-Homem e destes com a natureza.

Neste sentido, para GRAMSCI existe um processo dialógico entre pensamento (teoria) e prática (experiência) que irá desenvolver-se até culminar na “unidade perfeita da teoria e a prática” (GRAMSCI, 1987:171); o que constitui-se na demonstração de que a “prática é racional e necessária ou que a teoria é realista ou racional” (GRAMSCI, 1987:51-2). “Racional e real se identificam” (GRAMSCI, 1987:72).

No mesmo sentido, ao analisar a ruptura epistemológica produzida pela Ciência Contemporânea, BACHELARD irá nos afirmar que, para a Ciência do seu tempo, o real está em conexão direta com a racionalidade e que os argumentos racionais referentes à experiência constituem-se em momentos dessa experiência.

Para BACHELARD, o aparecimento deste reino epistemológico novo, na Ciência Contemporânea, produz uma síntese rigorosa entre teoria e prática, que o leva afirmar que, neste momento novo, não existe nada de racionalidade no vazio e tampouco nada de empirismo desconexo.

Quer dizer, tem-se uma dialética onde, interminavelmente, o processo se estabelece “do espírito às coisas, e das coisas ao espírito”.

Para BACHELARD (1977:65) a mensagem deste momento novo da Ciência é “em vez do dualismo de exclusão do sujeito e do objeto, em vez da separação das substâncias metafísicas cartesianas vemos em ação a dialética de um acasalamento dos conhecimentos objetivos e conhecimentos racionais”.

Na dialética sujeito-objeto, a experiência, embora seja orientada pela teoria (dependente) como elemento de mediação e como parte de um trabalho criativo, se põe como a busca da certeza da verdade da teoria, e neste sentido, como momento de objetivação, torna-se elemento necessário ao reconhecimento, portanto, também essencial. Isto é, o que as perspectivas empiristas-realistas e o senso comum dizem apreender imediatamente, em GRAMSCI, para não se “ofuscar” diante do real, se deve tornar todas as relações mediatizadas.

A expressão “racional e real se identificam”, em GRAMSCI, vem de uma herança de Hegel: o racional é real e de que o real é racional e, no

mesmo sentido, possui um valor para produção da história no seio da práxis social.

Quer dizer, nos remete à necessidade da elaboração de uma vontade geral ou melhor, vontade coletiva que seja oriunda do querer e conhecer, como uma necessidade histórica para a transformação do querer abstrato em vontade concreta. Estabelece-se o princípio da liberdade como elemento necessário e propulsor do processo histórico.

É um querer abstrato porque, no momento histórico atual, na maioria, os homens não são livres; mas o fato de desejarem a liberdade e se associarem com os outros homens que também desejam fortemente esta liberdade pode trazer as condições para o rompimento com a passividade.

Assim, o princípio da liberdade constitui-se em elemento catalisador da organização dos homens para lutar por uma nova sociedade, onde os homens possam objetivamente, isto é, universalmente, passar do reino da necessidade para o reino da liberdade.

Se Hegel materializa na figura do Estado a concreção desta vontade geral, do espírito do mundo, como necessário à elaboração da liberdade do homem, também o projeto Teológico Gramsciano aposta em um Estado *educador*, o Estado Ampliado (sociedade civil + sociedade política). Mas vai apostar também nos espaços da sociedade civil (nas superestruturas) como necessários para tomar as relações políticas em relações pedagógicas, isto é, construir ativamente um senso comum, que, sendo construído como ordem intelectual, torna-se um bom senso.

Quer dizer, a alusão sobre a experiência de uma unidade entre o real e o racional assume, também, um caráter normativo, pois tenta discutir a relação do Eu, enquanto indivíduo singular e projeto coletivo, isto é, fazer aquilo que deve ser feito para que o indivíduo possa viver harmonicamente com os outros homens.

Assim, para GADAMER (1983:39) a expressão HEGEL: o que é racional é real e o que é real é racional, é muito mais a formulação de uma tarefa, para cada um, do que uma legitimação, para todos nós, da própria inatividade.

Como em HEGEL, para GRAMSCI a síntese racional e real se põe como necessária para transformar a liberdade em realidade.

Tendo em vista esta perspectiva, a realidade para GRAMSCI somente pode ser pensada relacionando-se historicamente “com os homens que a modificam”, isto é, constitui-se no “resultado de uma aplicação da vontade humana à sociedade das coisas” (GRAMSCI, 1976:41).

O mesmo pode ser apreendido quanto aos fenômenos, onde estes não podem ser compreendidos como “algo objetivo que existe em si e por si” e

sim, como “qualidades que o homem distinguiu em consequência dos seus interesses práticos ... e dos seus interesses científicos”.

Neste sentido o conhecimento caracterizar-se-á como superestruturas, como provisório, que assim como o homem ( ou melhor, com o homem), está em um constante Devir.

A Ciência é um dos espaços sociais responsáveis pela cognição do mundo, se constitui em um dos espaços de tomada de consciência do conjunto de relações estabelecidas pelos homens no processo de produção da vida. Para GRAMSCI, torna-se um equívoco tê-la como “modelo”. Tendo em vista sua especificidade é mais um dos espaços superestruturais construídos no todo social.

Em nosso entender, ao abordar o grande momento de revolução científica de seu tempo, GRAMSCI vai nos afirmar que, para a Filosofia de Práxis: não é a teoria atomista que explica a história humana, mas ao contrário, a teoria atomista como todas as hipóteses e opiniões científicas é uma supra-estrutura (GRAMSCI, 1987:193).

Neste processo (Devir), o objetivo está condicionado pela intersubjetividade: para o homem conhecer objetivamente é necessário que o conhecimento seja “real, para todo o gênero humano”, e isto, para GRAMSCI, só será possível a partir do “desaparecimento das condições internas que dilaceram a sociedade humana” (GRAMSCI, 1987:170).

GRAMSCI afirma que, “não obstante todos os esforços dos cientistas, a Ciência jamais se apresenta como nua noção objetiva; ela aparece sempre revestida por uma ideologia” (GRAMSCI, 1987:71).

O ato de conhecer a realidade somente pode ser pensado em “relação ao homem”, e como este é um “Devenir histórico, também o conhecimento e a realidade são um Devenir”.

Lutar pela objetividade significa trabalhar pela libertação das “ideologias parciais e falazes”, e pela “unificação cultural do gênero humano”, onde o “objetivo significaria universal subjetivo” (GRAMSCI, 1987:170).

Embora na Ciência exista “progresso” e seus conhecimentos, enquanto universais, possam ser apropriados pelos homens e desenvolvidos com um caráter de necessidade histórica, para GRAMSCI eles não podem ser colocados “como a base da vida” nem como a “concepção de mundo por excelência” (GRAMSCI, 1987:70).

Para que uma comunidade científica determinada desenvolva seus processos de investigação, faz-se necessário um partilhar tanto dos métodos quanto do conhecimento e da história deste conhecimento, o que o leva a

atribuir um caráter consensual a esse conhecimento, isto é, faz-se necessário estar inserido numa certa tradição.

Por exemplo, para KUHN (1987:219):

“ ... uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma, sendo que estes homens são submetidos a uma iniciação profissional e a uma educação similares, numa extensão sem paralelos na maioria das outras disciplinas...”

Estes paradigmas, como orientadores de práticas científicas, podem ser caracterizados segundo KUHN como “ ... toda constelação de crenças, valores, técnicas, etc., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada” (1987, p.218).

Quer dizer, a apropriação dos métodos e de toda trajetória teórica deve ser partilhada e o consenso estabelecido. Somente assim uma área de conhecimento pode avançar, isto é, progredir. Nesta perspectiva kuhniana faz-se sentir o caráter social, necessário ao processo de construção do conhecimento na Ciência.

Em nosso entender, embora GRAMSCI aposte nos processos da Ciência para a superação da teologia e da metafísica, isto não deve ser entendido como uma apologia aos métodos das Ciências experimentais, isto sim, pelo seu caráter de necessidade consensual, isto é, socialmente partilhado e estabelecido.

Para GRAMSCI, quanto maior for o número de sujeitos sociais que deixarem de se relacionar com os outros homens e com a natureza de forma *imediate* e que tornarem suas relações *mediadas*, mais próximo da verdade estará o todo social.

A verdade em GRAMSCI não existe de fato *em si e por si*, ao contrário é um *Devenir* e mesmo passando por erros, deve-se fazer um esforço para produzi-la pois ela somente é *fecunda* quando se faz um esforço para conquistá-la.

Assim, para GRAMSCI, somente se chegará a verdade quando se unificar culturalmente a humanidade. Quando todos os sujeitos singulares se apropriarem dos instrumentos conceituais produzidos pelos saberes elaborados e dos métodos de desvelamento-construção da realidade, isto é, dos métodos de busca da verdade.

Quer dizer, se os métodos da Ciência experimental não se constituem na única forma de chegar a verdade mas pelo seu caráter social podem auxiliar na construção de um novo caminho para que se estabelece o

consenso, que não é mais passivo, mas ativamente desenvolvido por todos os sujeitos sociais.

É o caráter consensual e histórico-social que caracteriza os processos de produção do conhecimento na Ciência que, em nosso entender, para GRAMSCI, podem e devem ser aproveitados pela Filosofia de Práxis para destruição das ideologias parciais que dilaceram a sociedade humana.

Se deve ser afastada a certeza do “senso comum” na existência objetiva da realidade exterior” pois é oriunda da religião, é um erro, também exigir na Ciência a “prova da Objetividade”.

Ao pensar este necessário processo de superação, GRAMSCI irá nos dizer que o “trabalho científico” possui dois aspectos principais:

1. retifica, incessantemente, o modo do conhecimento; retifica e reforça os órgãos sensoriais e aperfeiçoa os instrumentos de experiência e de sua verificação.

2. aplica este complexo instrumental (materiais e mentais) para determinar, nas sensações, o que é necessário e o que é arbitrário, individual e transitório.

Este processo vai determinar o que é “comum a todos os homens, o que todos os homens podem verificar da mesma maneira”, quando “igualadas as condições técnicas de observação”, sendo então, objetivo, realidade objetiva, aquela realidade que é verificada por todos os homens, que é independente de todo ponto de vista que seja puramente particular ou de grupo (GRAMSCI, 1987:69).

Embora o coroamento se dê somente na Filosofia de Práxis, para GRAMSCI, o método experimental das Ciências vai ser essencial ao pensamento moderno, pois contribuirá para o “processo de dissolução da teologia e da metafísica”, sendo “o elemento de conhecimento que mais contribui para unificar o espírito, para se tornar mais universal; ela é a subjetividade mais objetivizada e universalizada concretamente” (GRAMSCI, 1987:170-1).

Em nosso entender, GRAMSCI faz uma leitura crítica tanto da tradição Marxista, como da História da Ciência”, e neste processo, deixa claro que é necessário, nos dois campos a autonomia científica.

Pela história da ciência determina-se a provisoriedade dos conhecimentos científicos, “para felicidade da Ciência”, é objeto da “Ciência e da tecnologia” o estudo das “propriedades físico-químicas-mecânicas”, a “estrutura atômica da matéria”. A Filosofia da Práxis pensa na matéria “como social e historicamente organizada pela produção”, e nas máquinas como “um momento das forças materiais de produção, enquanto é

objeto de propriedade de determinadas forças sociais” (GRAMSCI, 1987:190-1).

Para GRAMSCI, ao se pretender ser “ultramaterialista” aproximando, excessivamente, a “política das teorias científicas”, ou seja, ao se afirmar que a “história é movida por estas Teorias Científicas”; cai-se na realidade “em uma forma barroca de idealismo abstrato” (GRAMSCI, 1987:192).

O melhor conhecimento “das noções científicas essenciais” e a divulgação da Ciência através de cientistas e estudiosos sérios, constitui, para GRAMSCI, a melhor forma de combater o fetichismo e o fanatismo pela Ciência. Assim, é possível romper com a ideologia da Ciência-Mito e localizar seu verdadeiro espaço numa práxis social emancipatória.

A reflexão sobre os termos abordados e aprofundados enquanto um processo de superação das concepções “anacrônicas” e das “ideologias não universais-concretas”, que tem como objetivo a “unificação cultural do gênero humano”, constitui-se como um todo, em elemento determinante para a construção de princípios pedagógicos coerentes com o processo histórico de descoberta-criação na Ciência e com o desenvolvimento intelectual do Aluno-Cidadão.

GRAMSCI busca a compreensão da Ciência enquanto ligada às necessidades, à vida, à atividade do homem, sendo que, para nosso autor, esta atividade é “criadora de todos os valores, inclusive os científicos”, sem a qual a própria objetividade seria “um caos, isto é, nada” (GRAMSCI, 1987:70).

## Referências Bibliográficas

- BACHELARD, G. **O Racionalismo Aplicado**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- BUCI-GLUCKSMANN, **Christinne**. **GRAMSCI e o Estado**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- BUONOMANO, V. e FARIAS, R. H. A. **Mecânica Quântica, um Desafio à Intuição**. Ciência Hoje, Vol. 14 (83) p.17,26, Agosto, 1992.
- COUTINHO, C. N. **GRAMSCI**. Porto Alegre, L & PM, 1981.
- GADAMER, H. **A razão na época da Ciência**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
- GRAMSCI, A. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2a. Ed. 1976.



- \_\_\_\_\_. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Os Intelectuais e a organização da Cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia del Espiritu*. México, *Fondo de Cultura Económica*, 1991.
- HEISENBERG, W. **Física e Filosofia**. Brasília, EdunB, 1987.
- KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- MARX, K. & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Editora Hucitec, 8a. Ed. , 1991.
- MONOD, J. **O Acaso e a Necessidade**. Petrópolis, Vozes, 1972.
- NOSELLA, P. **A Escola de GRAMSCI**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- NUN, J. *Elementos para una teoría de la democracia: GRAMSCI y el sentido común. Ponencia presentada al seminario internacional sobre GRAMSCI y América Latina, organizado por el Instituto GRAMSCI, Ferrara* (mimeografado), sem data.
- PRIGOGINE, I. STENGERS, I. **A Nova Aliança, a Metamorfose da Ciência**. Brasília, EdUnB, 1984.